



A Rapariguinha dos Fósforos

Den lille Pige med Svovlstikkerne (1845)

Estava terrivelmente frio. Nevava e tinha começado a anoitecer. Era também a última noite do ano, a véspera do ano novo. Naquele frio e naquela escuridão, caminhava pela rua uma rapariguinha pobre, com a cabeça descoberta e descalça. Tinha, ou mais justamente tivera calçado chinelas, quando saiu de casa. Mas de que lhe servira isso! Eram tão grandes – ultimamente a mãe andara com elas – que lhe caíram dos pés quando teve de atravessar a rua a correr, para fugir de duas carruagens em louca correria. Uma chinela, não foi possível encontrá-la e a outra levou-a um rapazinho que lhe disse que poderia vir a utilizá-la como berço, quando tivesse filhos.

Agora ia pela rua a rapariguinha de pezinhos descalços, que estavam roxos de frio. No velho e gasto avental levava uma quantidade de fósforos e na mão segurava um molho deles. Durante todo o dia, ninguém lhe tinha comprado um. Ninguém lhe dera um pequeno xelim. Com fome e enregelada, a pobrezinha caminhava muito infeliz! Os flocos de neve caíam-lhe sobre os longos cabelos loiros, que se encaracolavam graciosamente em volta do pescoço, mas nesta beleza não pensava ela. As luzes brilhavam em todas as janelas e cheirava muito bem ao assado de ganso, naquela rua. Era a noite da passagem do ano.

E era nisso que ela pensava.

Num recanto afastado, entre duas casas – uma avançava um pouco mais do que a outra –, sentou-se, encolhida. Puxara as perninhas para debaixo de si, mas cada vez tinha mais frio e para casa não ousava ir. Não vendera, na verdade, nenhuns fósforos. Não conseguira um único xelim. O pai bater-lhe-ia. Além disso, também estava frio em casa. Tinham o telhado mesmo por cima deles e o vento assobiava por aí, se bem que tivessem tapado com palha e trapos as fendas maiores. As mãozinhas estavam quase mortas de frio. Ai! Um fosforozinho far-lhe-ia bem. Se tirasse um só do molho e o riscasse na parede e aquecesse os dedos! Tirou um e «ritch»! Como esguichou, como ardeu! Era uma chama clara, quente, como uma velazinha, quando pôs a mão à volta dele. Era uma luz estranha! À rapariguinha, pareceu-lhe que estava sentada diante de um grande fogão de ferro, com esferas e tambor de latão dourado. O fogo ardia tão abençoado e aquecia tão bem! Oh! Que foi isto? A pequena estendia já os pés para também os aquecer, quando a chama se apagou e o fogão desapareceu. Continuou sentada com um tocozinho de fósforo queimado na mão.

Riscou outro, que ardeu e luziu. E, quando o clarão incidiu na parede, esta tornou-se transparente como um tule. Olhou para dentro da casa onde a mesa estava posta com loiça de porcelana fina sobre uma brilhante toalha branca. Maravilhosamente, exalava um ganso assado, recheado com passas de ameixas e maçãs! O ganso saltou da travessa, saracoteando-se pelo chão, com o garfo e a faca espetados no lombo, que foi ainda mais maravilhoso. Dirigiu-se directamente para a rapariguinha. Mas quando o fósforo se apagou, ela só viu a espessa parede fria.

Acendeu outro. Ficou então sentada sob a mais bela árvore de Natal. Era ainda maior e mais ornamentada do que aquela que vira pela porta envidraçada, em casa do comerciante rico, no último Natal. Milhares de velas brilhavam nos ramos verdes e figuras

muito coloridas, como aquelas que decoravam as montras das lojas, olhavam, lá de cima, para ela. A pequena estendeu ambas as mãos no ar e... logo se apagou o fósforo. As muitas luzes do Natal subiram cada vez mais alto. Viu então que eram as estrelas brilhantes. Uma delas caiu e fez um longo risco de fogo no céu.

– Está a morrer alguém! – disse a pequena, porque a velha avó, que foi a única pessoa que tinha sido boa para ela, mas que agora estava morta, dissera: – Quando cai uma estrela, sobe uma alma para Deus!

Riscou de novo um fósforo na parede, que iluminou tudo à volta e, no seu fulgor, estava a velha avó, tão clara, tão luminosa, tão doce e feliz.

– Avó! – gritou a pequena – Oh! Leva-me contigo! Sei que te irás quando o fósforo se apagar. Que te irás como o fogão quente, como o belo assado de ganso e a grande e abençoada árvore de Natal! – E riscou apressadamente o resto dos fósforos que estavam no molho. Queria conservar a avó. E os fósforos arderam com tal brilho que se fez mais claro que a luz do dia. A avó nunca tinha sido tão bela e tão grande. Levantou a rapariguinha para os seus braços e voaram ambas em esplendor e júbilo. Tão alto, tão alto! Naquele lugar não havia nenhum frio, nenhuma fome, nenhum medo... estavam com Deus!

Mas naquele recanto da rua, na madrugada fria, jazia morta pelo frio a rapariguinha com as faces vermelhas e com um sorriso na boca... enregelada. Na última noite do velho ano. A manhã do novo ano ergueu-se sobre o pequeno cadáver, sentado com o seu punhado de fósforos, quase todos queimados. – Quis aquecer-se! – disseram.

Ninguém soube que coisas belas a menina viu, nem em que esplendor ela com a velha avó tinham entrado no júbilo do ano novo!